

# TODAS AS MORTES DE CHICO NAVALHA



**ONDOVATO**

# **TODAS AS MORTES DE CHICO NAVALHA**

**a autobiografia de um facínora**

ROMANCE

OBRA PREMIADA NO EDITAL 2023  
DE OBRAS LITERÁRIAS E DE NÃO FICÇÃO  
DA FUNDAÇÃO CULTURAL DO PARÁ

**alb.ô**

## **Todas as mortes de Chico Navalha: a autobiografia de um facínora**

Copyright © **Alba Editora**, 2024

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução deste livro sem a prévia autorização do autor. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

### **Gerente Editorial**

Ioane Buffat

### **Capa**

José Guilherme Machado

### **Preparação**

Karem Caroline da Silva

### **Revisão**

Valéria Frota de Andrade

Jéssica Dante

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Resumo Editorial

### **Designer Assistente**

Emile Kipper Pinzon

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ondovato

Todas as mortes de Chico Navalha : a autobiografia de um facínora /  
Ondovato. -- 1. ed. -- São Paulo : Alba Editora, 2024.

ISBN 978-65-984055-0-2

1. Ficção brasileira I. Título.

24-217098

CDD-B869.3

### **Índices para catálogo sistemático:**

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

*A todas as famílias,  
em seus mais variados matizes*





## Prefácio

Não vou me embrenhar pelos rigores da História porque a História por si só se compreende. Mesmo sendo este o meu trabalho, o de vasculhar os fatos a partir da superfície, do raso, daquela parte visível a todos os olhos, e penetrar nos descaminhos da terra atrás de resquícios, fragmentos e detalhes de um passado remoto e oculto, ou mesmo omitido pela memória oficial do Estado — quase sempre o criador dos acontecimentos —, mantenho minha posição de neutralidade, a que deve ser, de fundamento, a atitude mais afeita à Ciência. E isso não significa descuidar-se, apelar para o conforto fugaz da negligência, mas simplesmente permitir que as palavras, dotadas de sagaz significância, aflorem de suas vísceras e permitam que eventos, conjunturas e circunstâncias ganhem por merecimento a visibilidade a que deveriam estar destinadas. Afinal, foi a linguagem que nos trouxe até aqui, e dela não podemos fugir.

De todas as soluções para casos de homicídio, esta, sem dúvida, está entre as mais inusitadas, e não exatamente pelo conteúdo, mas pela forma como ganhou o campo do concreto.

Não duvido que, num futuro próximo, sua representação ou mesmo um documentário não apareça retumbante em alguma plataforma de streaming. O episódio, de tão rocambolesco, beira realmente as raías da ficção e do embuste, não fosse a pertinácia e a competência de um investigador renomado da Polícia Civil do estado do Pará nos provar que a trama era a mais absoluta verdade. E isso, meramente, porque Miguel Arcanjo Bonifácio de Andrade se dispôs a acreditar no inacreditável.

Segundo declarações do policial, numa tarde de domingo no início de 2022, recebeu um telefonema de um velho conhecido que há muito tempo não via. O homem parecia excitado com algo que tinha em mãos e queria mostrar a Miguel Arcanjo, surpreso com o ressurgimento repentino do amigo e sua aparente empolgação. Marcaram no complexo Ver-o-rio ao pôr do sol.

A conversa correu solta por algumas horas, como quando duas pessoas outrora próximas se reencontram com anos de novidades para contar. Passaram por casamentos, empregos, política, economia e reflexões, para, finalmente, depois de cervejas e petiscos, ao fim do colóquio, o sujeito reaparecido tirar de sua mochila surrada um livro ainda com aparência de novo, insistindo para que Arcanjo o lesse.

O livro em questão era *Como arruinar a sua vida em 12 ou 13 lições*. O policial logo notou que “arruinar” estava grafada erroneamente, com apenas um r. “Quando leres, vais entender”, o amigo advertiu. Outra observação que fez o homem da lei torcer a cara foi o subtítulo — *um romance mediúnico de autoajuda reversa* —, juntando dois termos que ele abominava: mediúnico e autoajuda. Mas a insistência foi tamanha que o investigador não mediu as horas e começou a ler assim que chegou em casa.

O romance conta a história de um advogado desencarnado — Francisco Cândido —, ditada pelo próprio espírito para um médium na periferia de São Paulo. Aquilo não seria diferente da literatura espírita corriqueira, não fosse pelo fato de que personagens reais frequentavam suas páginas, inclusive um deputado federal, pai do narrador, vivo e atuante em sua mesquinharia clerical. Aliás, passa longe das lições de moral ou das paisagens idílicas e fantasiosas dos mundos quase abstratos propalados pelos seguidores de Kardec.

Outro personagem conhecido que passeia pelos capítulos do romance é o avô de Francisco Cândido, Chico Navalha, antigo pistoleiro e matador de aluguel, famoso nos interiores da Amazônia, especialmente na primeira metade do século XX até a ascensão truculenta dos militares ao poder, e temido por sua perícia mortal. Cercado pela polícia, resolve escrever sua história, escondendo-a em local indicado pelo neto morto.

Aliás, o relato termina com a morte do protagonista. E antes que me acusem de spoiler, esclareço que isso é revelado logo às primeiras páginas. Miguel Arcanjo não demorou a compreender a intenção do amigo: instigá-lo a investigar o fato.

Sem o apoio dos superiores, mas, no mínimo, estimulado pelo teor veraz do texto, Miguel Arcanjo decide investigar por conta própria. E é aí que o prodígio se faz. O policial não só encontrou o manuscrito do facínora, como desenterrou do passado suas armas e o estojo de barbear, marca registrada do matador. E mais: os restos mortais de Francisco Cândido dos Santos, dado como desaparecido havia cinco anos. A descoberta fez com que o caso fosse reaberto e a biografia de Chico Navalha ganhasse a dignidade de uma publicação.

É o que temos a seguir, a crônica de uma voz vigorosa que nos leva a épocas longínquas, mas não tão distantes da realidade ainda em vigor nos rincões das Amazônias. Enfim, uma história para entrar na História.

**Tibúrcio Meira**

Professor e Historiador







# PRIMEIRA MORTE



# Capítulo I

## Centelha

**B**em sei que a primeira morte do homem é o parto, quando deixamos o conforto e o sossego do ventre materno para a eloquência e o destempero deste mundo. É, talvez, a grande ruptura na história de cada um, quando saímos do aconchego do nada para o tudo incômodo. E é parte que não nos cabe recordação, pois no feto ainda não mora a lembrança, faculdade que se amalha no tempo. O parto é assim, assevero, a morte primordial, comum a todos os que vivem, e os que vivem morrem muitas vezes em vida. E comigo também foi assim.

De minha primeira morte nada sei, pouco vi, e se vi, perdi nos labirintos da cabeça. Por isso vai ser capítulo curto, sem extensões e prosseguimentos, porque disso só sei o que minha mãe contou e, se me contou várias vezes, cada vez tinha suas diferenças e seus requintes. No reboco das memórias e suas tantas versões, os quadros foram ficando difusos, sem brilho, esmaecidos, coisa dos primeiros anos, imagino. De modo que recorro à remota reminiscência da última vez que minha santa mãezinha abriu a boca pra falar do dia em que descobriu o amor, porque

era assim que ela dizia, era assim que me tratava. O dia de minha primeira morte foi o dia em que vislumbrou o amor. Isso eu lembro de monte. A frase primeiro ressoava sem sentido nos meus ouvidos de criança, depois fui ganhando miolo e a ideia foi ganhando recheio. Aos poucos fui entendendo, mas amor mesmo, desses de mãe, esse eu nunca tive dentro do peito, nem no transcorrer do sangue nem no fustigar da alma.

Era uma tarde bravia, ela contava, de trovões e rajadas de vento. Dava pra ouvir quando uma árvore caía e medir a distância, coisa comum pros criados na grande floresta. Era de boa esperteza não estar por perto, mas minha mãe não era dessas, ainda mais aos domingos, único dia de folga pra ela. Gostava de ir nos igarapés e nos recônditos, bulir com os primores dos pensamentos e comer iguarias apanhadas no pé. Se era cunhã nos modos e brincava, se distraía nos atalhos da mata, nada-va, falava com bichos e plantas e se emocionava com a beleza das flores, não o era mais no corpo. Havia poucos meses tinha os peitos pubescentes, mal aflorados da pele, dois pitocos de carne; agora carregava-os inchados, volumosos, seus mamilos viraram duas patacas escurecidas e bicudas; as nádegas saltaram para trás, empinando-se sorridentes; a barriga, outrora elegante e magra, projetava-se à frente e tinha a forma de um cupuaçu. E era assim que ela estava, barriguda, aboletada aos pés de um biribazeiro, lambuzada de fruta, se deliciando na comilança e na gula, quando eu morri minha primeira morte e nasci minha única vez, porque nascimento assim, vindo de dentro do corpo de outro, é só um, não tem dois.

E ela dizia que foi num sopro, num espirro. Num minuto tava com as mãos cheias de muruci, no outro tava comigo. Esvaziou-se na beira do igarapé e no silêncio que fez a mata, igual

a uma prece. Diz que ficou um minuto sem saber o que fazer, enquanto a chuva levava as entranhas e me lavava o corpo miúdo, até que eu chorei. E ela conta que chorou comigo, e que me abraçou, e que se entendeu mãe e mulher naquele instante. E que a tempestade se dissipou e o sol resplandeceu em cada gota d'água pendente nas folhas e corrente nos troncos. Disse ela que foi um sonho. Pra mim foi verdade.

Meu nome é Chico Navalha, mas nem sempre foi assim. Nos primórdios de meus tempos fui Francisco, mas, como me completava dos Santos, logo virei Santinho, moleque de todo espevitado, ser de disposição pulsante, fonte de preocupação constante pra minha mãezinha, pouca coisa mais velha que eu.

A pobre trabalhava de noite e passava o dia me caçando pelo vilarejo, pelo rio, pela mata ou por qualquer canto prosaico. E quando me encontrava não me tratava no ralho, pelo contrário, ludia. Ali era o coração da Amazônia e, quando tomei tento de tudo, o planeta estava em guerra, combatendo um homenzinho pequeno, de bigode feioso e pensamentos turvos.

E que se ressalve o valor do entendimento, pois não se trata daquele próprio das crianças quando descobrem o mundo ou o do jovem quando entrevê a vida; falo do entendimento do conhecer, de compreender o funcionamento das coisas, as andaduras dos homens; a bem dizer, justamente, o entendimento da tessitura da vida e do mundo, num relance, num repasse de magnetismo, na energia pura da luz abrindo a vastidão dos olhos.

E isso não se dá nas papeladas e nos procedimentos, nem nos pareceres do tino dos outros, muito menos no julgamento dos homens ou na vontade divina. Isso se dá é no rolar dos dados do destino, coisa do avesso da inteligência e da lógica, o inusitado do passamento dos dias.

Pra chegar nesse ponto da compreensão da existência e da moção das engrenagens da Terra, da costura dos eventos, do encadeamento dos atos, e de tudo consequente, é preciso que a mente funcione direito, é preciso um fio de lucidez e argúcia costurando as peças.

Foi no intervalo de uns pensamentos, numa tarde de chuva trevosa, quando me vi interminavelmente contando os tijolos da parede de meu cárcere e tentando acertar uma osga com pedregulhos, que a mágica se fez. E não quero incitar em vossos espíritos algo do plano do esotérico e do místico, pois a permuta ocorreu à luz da razão e se avolumou com um pouco de renitência. Além disso, eu não sou de crer nesse Deus obsceno que abandona seus filhos à própria sorte, nas misérias e nas lonjuras, pra relegar o concreto à feição dos milagres. Não!, fui eu mesmo, ruminando na cachola, organizando os caminhos e pavimentando o progresso. Num clique, num estalo, como a explosão da cabeça do fósforo, eu entendi não que b mais a faz ba, até porque disso eu já sabia, mas atinei que isso é mais importante do que a própria ideia, porque suscita a fartura das inventivas e a releitura do derredor.

Por isso e por todos os esconjuros errantes, eu sou o que sou e o que nasci pra ser. E tudo isso é diferente do que compreendi ser e do que inevitavelmente sou. Não me desfaz no juízo meus primeiros dias, e isso deve se dar com todo mundo, mas o que me remonta à memória nem sempre é bom, minha história não é boa, e me consola pensar que sou o que sou só porque um dia fui.

Quando me bateu o discernimento, já ia pelos meus trinta e poucos anos, e a cadeia era lugar conhecido, mas não longo. Normalmente me faziam suspeito, mas eu era bom nos estratagemas e não passava muito tempo proscrito. Não tinha pista,

não deixava rastro. Todos sabiam que era eu, mas ninguém assinava embaixo.

Essa foi minha primeira hospedagem mais longa. Me pegaram como ladrão, e isso não dou de acordo. Cansei de dizer que o defunto tava vivo quando me deu a Rolleiflex, mas os cabras não confiaram e me enfiaram no xilindró. Preferia ser preso como assassino. Morri foi um pouco por dentro. O que me susteve foi a sala dos livros. Quando consegui por mim mesmo, por esforço próprio, desenredar uma história inteirinha, *Memórias de um sargento de milícias*, me percorreu uma alegria tão grande, uma comichão bem nas entranhas dos miolos, que eu nunca mais parei.

Desvendar um texto longo nem foi a façanha, mas executar a transposição do lido pro sabido — assimilar o domínio — é que foi o bonito. Posso dizer que, naqueles dois anos de reclusão forçada numa cadeiazinha no sul do Pará, li toda a biblioteca do lugar. Eu, que já flertava com a leitura e com a literatura havia um certo tempo, falei com o juiz assim que ele me leu a sentença:

— Meritíssimo, se o senhor me permitir a palavra. — O homem já me dava como passado e teve que erguer a vista das escrituras pra me mirar no olho.

— Diga, pobre condenado! — ironizou o magistrado.

— Não sei se seria de atroz insolência, mas gostaria muito de ficar em um lugar que tivesse livros, que eu quero treinar o deciframento da língua. — Ele riu e se dirigiu ao policial encarregado de minha guarda.

— Ora, se não temos aqui um ladrãozinho de merda metido a erudito.

— Já disse que não roubei nada — falei o mais sério que pude, para uma fera algemada.

— Roubou foi um monte de vida, seu pistoleiro desgraçado. No que depender de mim, tu vais pra uma cadeia onde só o que vai ter pra ler vai ser o teu cu. — Ele e o fardado gargalharam em manifesto escárnio. Só falei quando eles pararam.

— Os senhores podem ter certeza de que me recordarei deste episódio todos os dias por esses dois anos em que ficarei indisponível, doutor juiz de direito José da Costa Marcondes Aires e primeiro-sargento Simão Bacamarte.

Não era uma biblioteca grande, mas supriu meu conhecimento nos vinte e quatro meses que passei por lá.

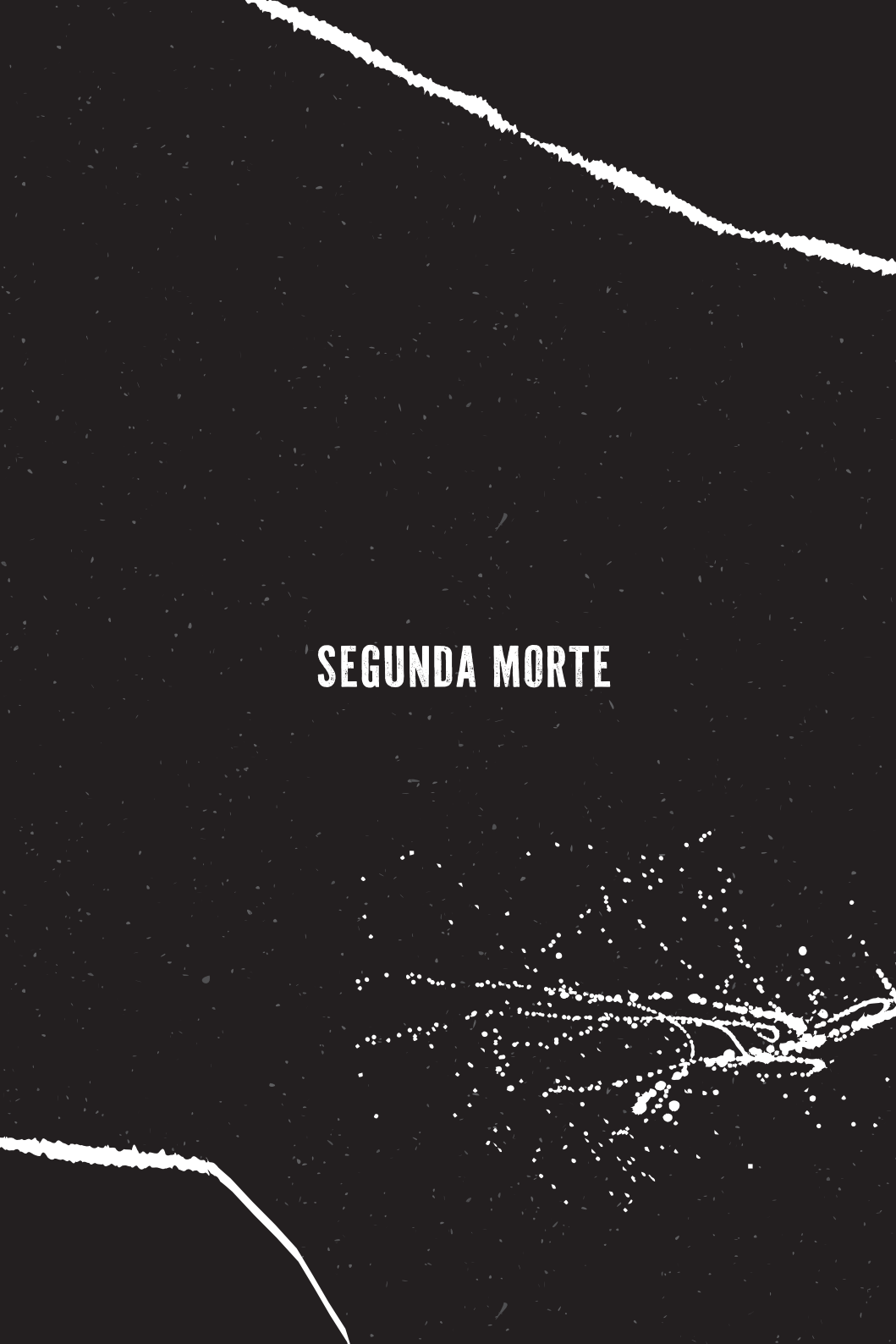
O cárcere em que me encontro agora é bem diferente, é minha própria casa. É que, na impertinência dos acontecidos, sou um fugitivo, cercado por dezenas de macacos, das mais variadas polícias, e minha cara está nos postes da cidade. Só não capturei porque conheço as matas por detrás de meu quintal, e também porque os milicos não sabem de minha propriedade. E se estou aqui é porque, muitas décadas passadas, aqueles dois infelizes cruzaram novamente o meu caminho.

Por descuidos, em outros tempos não inventariei minhas vidas; o faço, portanto, como dívida a mim mesmo, para que se registre na História o que ainda trago na lembrança.

Meu nome, como já disse, é Chico Navalha, e minha profissão é matar. Mas não mato qualquer um, só mato homens, homens brancos. E pra que isso seja de todo um pouco mais assimilável, convém voltar no tempo, quando eu era só aquele moleque brincando no rio e no mato, e quando minha mãe era viva, e quando eu ainda não me entendia de nada, e quando o sol era só uma bola de fogo que iluminava o dia e a chuva era Deus chorando a amargura dos homens.







# SEGUNDA MORTE



# Capítulo II

## Santinho

Filho de pai desconhecido na dureza do papel, recebi como nome um sucinto Francisco dos Santos, que em criança converteu-se em Santinho, mas, longe de minhas primícias, mudou-se em Francisco e evoluiu para Chico, que, ao adendo de Navalha, em certa circunscrição da Amazônia, virou sinônimo de morte.

Perdoe-me se repito meu nome e minha alcunha, mas talvez eu mesmo precise repisá-los, dizê-los para mim em voz alta, como que a recordar por que estou aqui, em um cômodo obscuro desta casa, tendo tão somente como abrigo um pano velho e uma vela que alumia minha escrita e minha leitura.

Desde que fui reconhecido, é meu segundo dia de confinamento. Nesta noite vou me embrenhar pela mata e chegar à casa da Nega, mulher com quem me amancebei, de doçura inconteste e beleza singular; podia ser minha neta, mas já trazia nos braços duas crianças catarrentas, frutos de relações passageiras. Logo a polícia vai bater por lá e virar os olhos naquela direção sem dar trégua. Além do aconchego inerente ao cargo,

vou atrás de comida e um ou outro instrumento necessário para a mínima subsistência, pois não sei quando poderei voltar. Se é que existe tal possibilidade.

Nasci num vilarejo acanhado onde fazia sombra de tudo. Tinha mata pra todo lado e o sol só pegava no descampado das casas, na copa das árvores, nos entremeios da floresta e em beira de rio, outra coisa que não faltava. Podia andar em qualquer direção, contar, quando muito, um quarto de hora até encontrar água, às vezes um igarapezinho, às vezes um riozão de perder de vista. Era uma das milhares de ilhotas da Amazônia, peças do quebra-cabeça da grande floresta, um pedacinho do mosaico verde-monstruoso, nomeado pelos gringos de pulmão do mundo.

Ser filho de pai desconhecido não significa necessariamente desconhecê-lo. Ele era o homem mais abonado dessa esquina de selva. Um dia chegou, num amontoado de vinte casinhas, e abriu uma venda. Tinha era os olhos vivos, conhecia a rotina do fim de tarde, quando os pescadores e lavradores vindos de várias distâncias trocavam suas mercadorias ali. De peixe tinha curimatã, muriçoba, janjão, pacoval, gó, timira, pescada, pacu, tambaqui, gurijuba, piramutaba, e um tanto mais de infinitos nomes, que tudo pode ser nome de peixe; inda tinha açaí, pupunha, cupuaçu, bacuri, farinha, tapioca, goma, beiju, tucupi, jambu, cheiro-verde, pimenta, tomate, chicória, graviola, banana, milho, coco, fumo, maniva, mitoba, limão, mamão, macaxeira, mandioca; apareciam umas galinhas, um porco, um cabritinho, um macaco, um papagaio e mais uma lista das coisas que a floresta dava ou que as pessoas plantavam pra si e negociavam o excesso. O resto das necessidades só na passagem do regatão. Esse tinha de tudo, e tinha mais. Tinha um homem

que anotava a nossa precisão e sempre trazia na viagem seguinte. Meu pai foi dono de um, do maior, mas não queria mais navegar, queria fincar a âncora em terra firme e viu naquele canto de mundo um bom lugar para fazer fortuna.

Lá pelas quatro da tarde, chegava a primeira canoinha, daí pra frente era uma atrás da outra. No pôr do sol, o troca-troca, o falatório, o frenesi da feira cobriam a visão do trapiche e suas mais de quarenta montarias, às vezes setenta, oitenta no sábado, dia de maior confluência. Meu pai nos escondidos, e no oficioso meu padrinho, é que fez circular dinheiro por lá. Antes, os negócios eram tudo no apalavrado, no escambo e na permuta; moeda era pouca e a pouca que aparecia era pro regatão, que esse não aceitava troca. Mas, agora, com o regatão parado no corner da praça, o lugarzinho precisou de dinheiro e as coisas começaram a mudar. O cabra que chegava cedo trocava ou vendia tudo mais cedo, e precisava de numerário pra levar o arroz com feijão, uma porção de banha, uma peça de chita, um pouco de café, tomar um tanto de cachaça e gastar um dedo de prosa. Não demorou muito pra surgir o lupanar, o bordelzinho de quinta categoria onde minha mãe trabalhava, onde nasci e vivi até os oito anos. Pouca gente sabia, eu mesmo só fui saber depois de grande, mas o puteiro também era de meu padrinho.

Não vou lhe dizer seu nome porque não guardei de cabeça. É de difícil leitura e inda mais de pronúncia, pior quando não se domina as letras e se não está nos documentos pra se fazer de lembrança. Vale pros conformes da narrativa o apelido que o povo lhe deu: Alemão, designação de tudo que é branco de olho claro nos rincões da Amazônia, desde sempre surrupiando os nossos haveres.

Pouco lhe tinha quando criança. Não sei bem minha idade, mas numa saída festeira no salão da Igreja, minha mãe, Izabel, lhe apontou o dedo. “Aquele é o teu padrinho”, disse. Eu, de todo abananado, inocente de alma, lembrando do sermão do padre que a criança deve respeitar os mais velhos, mormente pai, mãe, parente e padrinho, larguei a mão dela e corri pra junto do homem, o único mais paramentado, de terno, gravata e chapéu de feltro. Nem ouvi minha mãe me chamando. Nesse tempo já não se contavam as casas do vilarejo, de modo que tinha bastante gente — os de lá e os de fora —, pelo menos pra um menino nascido no meio do mato, com a mão estendida pro cabra em conversa contente com mais duas ou três proeminências.

— A benção, padrinho!

Ele me olhou de cima a baixo — e não era muita coisa — e nada cuspiu. Procurou minha mãe com as vistas e boa visão não foi. Depois, pegou minha cabeça com força e me girou, dando um peteleco dóido em minha nádega virgem de palma-da, me impulsionando na direção da genitora, que pedia nas feições pra que eu não chorasse. E eu, que já me sabia pequeno, ainda mais me apequenei, e saí dali pra fora querendo, na mente infantil, que um anjo me resgatasse e que meu choro se desse no calor da nossa cama, e que aqueles homens rindo atrás de mim queimassem no fogo do inferno por obra e graça do Deus que, no transcurso das águas, inferi inexistente.

Lembro tanto disso porque sei que foi o episódio primordial de minha submissão, o que me sujeitou mais ainda pra dentro, na certeza de que nunca vai haver igualdade no mundo enquanto um único homem se achar diferente. Uns anos pra frente eu ia entender bem melhor tudo isso.

Minha mãe era preta retinta, escura como a noite sem lua. Eu era preto nas formas, mas era branco de pele. E o tempo ia me ensinar o quanto isso era distinto. E é o tempo mote e glossa de meu parecer, pois pouco lembro de minhas criancices, atestando que o ruim é maior do que o bom e de que o bem não é páreo para o mal, de modo que o que veio de nefando na sucessão dos fatos superou — e muito — os indícios de felicidade que um dia tive, construindo na memória um punhado de vazios e eternizando momentos que provavelmente nunca aconteceram.

Izabel era nome comum, homenagem à princesa que remodelou a escravidão. Era comum também a menina preta e magérrima, de idade pouca e perene despesa. Minha mãe era dessas, mal chegada de moça foi deixada pelos próximos nas mãos do Alemão para servir-lhe de ama-seca dos filhos. Dali para galgar de posto foi rápido, coisa que a formosura e um pouco de comida lhe deram. Inteligente que era, acatou as investidas do senhor e pouco resistiu a entregar-lhe o corpo ainda em formação. Reles tempo depois, já prenhe, assumiria uma cama no Paraíso do Boto, como era informalmente chamado o lugar onde os homens esporravam seus problemas. Do povoado mesmo eram raros os que tinham coragem de escancarar a libertinagem. A frequência era mais de marido pulando a cerca, gente ludibriosa remando pelos labirintos da Amazônia.

Desse tempo quase nada restou. Era o que disse, um contínuo correr e brincar, pular nas águas do rio, comer a fruta no pé; não tinha escola, não tinha afazer, só descortinar o vindouro. Como é desses sítios esquecidos, é de criança que se faz o prumo. Aprendi pirralho a pescar e a andar pelo mato; colher açaí e conhecer as plantas; nadar, acho que nasci nadando. Também de

cedo aprendi a atirar, que se diga, só na teoria, até porque bala era negócio caro, era pra caça certa, não se gastava em treino.

Um amigo de minha mãe certa vez me levou pra caçar e me ensinou lição que nunca esqueci: a de que ao caçador cabe ver e ouvir, que é do ofício a mais legítima atenção, a arte de observar. Depois me mostrou como carregar a arma; as armas, que ele tinha duas, uma espingarda e um revólver. Depois me calhou de ver o tiro.

— É um veado, moleque! Tu dá é sorte. Veados é difícil de aparecer por aqui.

Veados é bicho de dentro, do miolo da mata, não costuma chegar em beira de rio grande; decerto fugiu de fogo, que é coisa que medra e assusta. O tiro cruzou o bicho na altura do peito, morte sem dor, boa de ser morrida. Nesse dia teve festa na vila, cachaça pra todo mundo e uma churrascada, onde apareceu também porco, galinha e um monte de peixe; mas o veado é que foi o prato principal, não teve morador que não saboreasse pelo menos um naco. Era sexta, dia do sacrossanto pecado, noite de cantoria até o amanhecer do sábado. O lugar-rejo acordou lento, de ressaca, mas empanturrado.

Não custa lembrar que havia uma guerra em curso no planeta e que uma pandemia vinha ceifando vidas por onde passava. Apesar de não afetar consideravelmente a rotina, sempre surgia o fio do receio e a casca do medo, de modo que aquela noite foi como um deságue, um sopro de alheamento. E pior foi na seguinte. São dessas coisas que me recordo, das coisas grandes.

No meio da tarde, com os olhos espantados e o bucho ainda mareado da patuscada, a aldeia se viu invadida por uma turba de ciganos. Os tambores e flautas romperam de dentro da floresta, machucando os tímpanos e latejando as cabeças. Alguém

comentou sobre a gripe espanhola, mas foi assunto fugidio, a curiosidade e o fascínio falaram mais alto. O bando se mostrou indiferente, como se vivesse em vida distinta, desfilou suas alegrias e cores pelas ruelas do lugar, exibindo os engenhos e as maravilhas de um passado incerto, mas que nunca chegara ali, e se fincou naquilo que apelidamos de praça, em volta da fogueira da véspera, ainda fumacenta. Sob a vista curiosa dos viventes, gritando em seu dialeto, o chefe reuniu cinco homens parrudos e seguiram em direção ao rio. Atrás deles foi meia dúzia dos nossos, mais as crianças se dissimulando pelas árvores, eu incluso. Os ciganos se achegaram à beira das águas e viram a vastidão no tempo e a chuva se derramando no horizonte, tudo líquido, céu e terra em conagração. Foi quando o padrinho se aproximou e conversou com o líder numa língua que não é de gente, e os ciganos se voltaram para dentro já em intensa harmonia e folguedo.

A maioria dos conterrâneos já tinha ouvido falar deles, mas nunca havia visto um único exemplar. Corria pelos ouvidos de que era povo amaldiçoado. Carece de validamento, mas dizem que um ancestral teria sido um dos pregadores de Jesus Cristo; e não falo de um de seus apóstolos discursistas, mas do homem que enterrou os cravos nas mãos do maior dos mitos da humanidade. Não aqueles. A despeito das vestes em farrapos e da pele lamacenta, pareciam envoltos em insuspeita felicidade. Enquanto a chuva lambia o vilarejo, os quarenta visitantes, homens, mulheres e crianças, apearam-se das vestes e banharam-se no rio bruto em rumorosa alegria e, antes do sol se pôr, depois que o aguaceiro se foi, alvos, límpidos, com as roupas lavadas e malmente torcidas, retornaram à praça distribuindo vinhos e conhaques e fazendo outra festança. Não teve missa nem teve culto, essa noite foi só

dos pecadores, e não houve idioma que não se falasse: tupi, espanhol, iídiche, guarani, português, latim, francês e até alemão. À medida que os líquidos iam sendo sorvidos, mais o povo se entendia: logo veio um resto de carne, uma sobra de peixe e as cachaças. Há quem diga que perdeu o céu na noite dos ciganos. Ao raiar do dia, aos corpos despertando, quase todos nus, espalhados pelos cantos da praça, sobraram o regozijo e a vergonha, vigara também um vazio. Era como se ninguém houvesse passado por ali, não havia um sinal dos nômades, nem mesmo das garrafas torpes que tiraram alguns do caminho da salvação. Hoje, passadas mais de cinco décadas, já não posso garantir que as duas noites foram em sequência, mas as uso para ilustrar o que me vem de lembrança, que as miudezas da memória há muito perdi.

Pouco sei de minha mãe, a não ser que brincava comigo quando me encontrava pelos escondidos do lugar, e que era bonita de doer, e que tinha a pele sedosa como nunca senti, porque isso trago nas reminiscências dos dedos, que esses não se confundem. Morávamos no prostíbulo e dormíamos em catre pequeno para dois, mas confortável para os aconchegos. Em tempo de calor, cada qual em sua rede, que é de mais frescor. Era uma palhoça nos fundos, onde também moravam as outras moças do serviço e Djamila, filha de uma, nascida quatro anos antes de mim, e que me servia de cuidadora ante as necessidades de minha mãe. Quase tudo que sei dela, foi Djamila que contou.

Izabel, cujo rosto é só um borrão na minha mente, morreu aos vinte e três anos, moça de corpo inteiro. Dizem que foi tuberculose, só sei que foi amofinando, amofinando, e no correr de quarenta, cinquenta dias, deixou de brincar. Djamila, de parca vivência, acha que pode ter sido só tristeza.